



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO14>

Família e luto: revisando as contribuições empíricas entre 2010 e 2020

Family and bereavement: reviewing empirical contributions between 2010 and 2020

Familia y duelo: revisando aportes empíricos entre 2010 y 2020

Gabriela Sarturi Rigão
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0001-8107-3639>
gabrielasarturi4@gmail.com

Leonardo Zink
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0003-2905-8954>

Helena Dias Bornhorst
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0002-6750-7071>

Vitória Noronha Tusi
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0003-2682-2750>

Luisa da Rosa Olesiak
Universidade Federal de Santa Maria
<https://orcid.org/0000-0002-2635-2675>

Caroline Rubin Rossato Pereira
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este estudo refere-se a uma revisão sistemática integrativa da literatura sobre as repercussões do luto de figuras do núcleo familiar, objetivando apresentar e discutir as características e resultados dos estudos empíricos sobre a temática. Os descritores “família” e “luto” foram utilizados para busca de artigos de acesso aberto publicados em inglês, português ou espanhol entre janeiro de 2010 e julho de 2020 em revistas indexadas nas bases PubMed, SciELO e PePSIc. Essa busca inicial resultou em 656 resultados, os quais foram selecionados pelos autores, para que cumprissem os requisitos de inclusão: ser artigos empíricos; ter como participantes famílias ou familiares enlutados; o luto ser referente à morte de uma pessoa da família; o estudo apresentar resultados sobre o luto da família. Assim, restaram 151 artigos, que foram analisados de forma descritiva quanto a escolhas metodológicas e quanto ao ano, país e revista de publicação. Os principais resultados apresentados dos estudos passaram por análise de conteúdo, sendo discutidos nas categorias: Repercussões fisiológicas do luto; Repercussões psicológicas e emocionais do luto; Vivências espirituais e ritualização na busca de significados à perda; Mudanças de comportamentos e nos relacionamentos familiares; Experiências de morte e comunicação com os profissionais de saúde; e Intervenções ao luto familiar. Observou-se a grande tendência do olhar individual para o luto mesmo quando a morte é de um membro da família, e a necessidade de ampliar a visão do luto enquanto uma vivência familiar.

Palavras-chave: Luto; Família; Morte; Revisão Sistemática

Abstract

This study refers to an integrative systematic review of the literature on the repercussions of bereavement for family members, aiming to present and discuss the characteristics and results of empirical studies on the subject. The descriptors “family” and “bereavement” were used to search articles published in English, Portuguese or Spanish between January 2010 and July 2020 in open-access journals indexed in PubMed, SciELO and PePSIc. This initial search yielded 656 results, which were selected by the authors to meet the inclusion requirements: to be an empirical articles; to include bereaved families or relatives as participants; use mourning as referring to the death of a family member; to present results about family grief. Thus, 151 articles remained, which were analyzed descriptively regarding methodological choices, year, country, and journal of publication. The main results presented in the studies underwent content analysis, discussed in the categories: Physiological repercussions of grief; Psychological and emotional repercussions of grief; Spiritual experiences and ritualization in the search for meanings to the loss; Changes in behavior and family relationships; Death experiences and communication with health professionals; and Interventions for family grief. It was observed the great tendency of the individual view of mourning even when the death is of a family member, and the need to broaden the view of bereavement as a family experience.

Keywords: Bereavement; Family; Death; Systematic Review

Resumen

Este estudio se refiere a una revisión sistemática integradora de la literatura sobre las repercusiones del duelo para los familiares, con el objetivo de presentar y discutir las características y resultados de los estudios empíricos sobre el tema. Se utilizaron los descriptores “familia” y “luto” para buscar artículos de acceso abierto publicados en inglés, portugués o español entre enero de 2010 y julio de 2020 en revistas indexadas en las bases de datos PubMed,

SciELO y PePSic. Esta búsqueda inicial arrojó 656 resultados, los cuales fueron seleccionados por los autores para cumplir con los requisitos de inclusión: ser artículos empíricos; tener como participantes a familiares o parientes en duelo; el duelo se refiere a la muerte de un familiar; el estudio presenta resultados sobre el duelo familiar. Así, quedaron 151 artículos, que fueron analizados descriptivamente en cuanto a elecciones metodológicas y en relación al año, país y revista de publicación. Los principales resultados presentados de los estudios fueron sometidos a análisis de contenido, siendo discutidos en las categorías: Repercusiones fisiológicas del duelo; Repercusiones psicológicas y emocionales del duelo; Experiencias espirituales y ritualización en la búsqueda de significados en la pérdida; Cambios en el comportamiento y las relaciones familiares; Experiencias de muerte y comunicación con profesionales de la salud; e Intervenciones para el duelo familiar. Se observó la gran tendencia hacia una perspectiva individual del duelo incluso cuando la muerte es de un familiar, y la necesidad de ampliar la visión del duelo como experiencia familiar.

Palabras clave: Duelo; Familia; Muerte; Revisión sistemática

Introdução

A vivência de um luto se apresenta quando um sujeito, família e/ou sociedade se deparam com a separação ou a morte de alguém ou algo significativo para a sua existência. O luto pode ser entendido como uma experiência de ordem subjetiva do sofrimento advinda da perda (Luna & Moré, 2017). Demonstra-se como um processo de transição de uma posição psíquica e social anterior a perda para uma nova configuração da vida após a perda. Na morte de um ente querido, perde-se também um papel significativo do próprio enlutado e, com isso, ameaçam-se as referências acerca do mundo e de si e os sentidos até então atribuídos e sustentados por tal figura especial (Parkes, 2009). Assim, uma reconstrução identitária e narrativa é solicitada aos enlutados durante a elaboração. Mudanças nas concepções de mundo e dos papéis fazem parte do processo de eliciar novos significados e contornos à identidade (Coelho & Lima, 2017).

A morte de alguém importante presentifica diferentes perdas secundárias, se perde um companheiro, uma figura confiante, com quem se consolidaram as bases para a sua personalidade, perde-se uma idealização, amparo e proteção que tal sujeito provia ao enlutado. Assim, exige-se um trabalho psíquico para encaminhar e ressignificar a relação do sujeito com o seu sistema de crenças, com a relação simbólica com o ente perdido, e consigo mesmo. Nessa perspectiva, diferentes esferas podem ser implicadas no processo de luto, que envolvem o nível físico, emocional, comportamental e espiritual (Kovacs, 2008; Parkes, 2009).

Na dificuldade de gerir um encaminhamento das angústias por meio da simbolização e da linguagem, o luto pode reverberar em sintomáticas e comportamentos

que advém pelo real, por meio do corpo e do ato, como uma busca da expressão de tais (Serafim, 2020). Para isso, torna-se necessário olhar o luto nos seus pontos de especificidade, que desenham contornos à experiência do enlutado. O processo de luto se circunscreve mediante aspectos da causa da morte, história, sexo e idade do enlutado, da figura perdida e relacionamento, além da rede de apoio e recursos de enfrentamento. Uma morte esperada ou inesperada, provoca um sofrimento de ambas as formas, mas demonstra diferentes delineamentos para o pesar. Frente uma perda esperada, na qual o ente querido perpassa um processo de adoecimento ou de fim de vida, o sujeito e o seu entorno podem vivenciar certa preparação emocional para a morte, diante de um luto antecipatório. Este se consolida no transcorrer do tempo ao se deparar com as angústias e dimensões da proximidade da perda, que auxiliam o sujeito a lidar e encontrar modos de encaminhar sentimentos e questionamentos ainda na presença do outro. O encontro abrupto com a morte do ente querido, por sua vez, evoca a necessidade de lidar com as intensas modificações sem recursos simbólicos e emocionais prévios, visto a exposição ao desconhecido e inesperado (Worden, 2013). Assim, a urgência de novas configurações e alinhamentos na vida sem a figura estimada pode intensificar a angústia e a desorganização do sujeito.

Além disso, para compreender a expressão de luto, é importante considerar os diferentes papéis sociais relacionados ao sexo do enlutado no seu contexto. Concebe-se que a figura do homem, diferentemente da mulher, encontra socialmente uma barreira para a manifestação e autorização do sofrimento, corroborando para um luto sem vias de expressão compartilhada e, por vezes, silenciado (Sola et al., 2020). A posição da mulher, por sua vez, é reconhecida e validada na esfera social como possível de demonstrar sentimentos, em especial, retratar e dar voz a angústia. Ademais, a idade concebe um toque e comunicação diferenciados do luto conforme os momentos do desenvolvimento do enlutado. Uma criança concebe a morte e a expressa, muitas vezes, por meio da noção da reversibilidade, do retorno do ente, do uso de pensamentos mágicos e da ausência de uma concepção abstrata para responder às suas questões em relação à morte, a que solicita a ajuda de um adulto. Na fase adulta se tornam possíveis diferentes explicações para a morte, considerando-se aspectos de ordem fisiológica, natural e teológica (Torres, 2002).

No seu caráter dinâmico, o luto não é vivenciado pelo indivíduo de modo isolado dos sistemas os quais compõe. Considerando uma morte na família, diferentes membros adentram ao processo de luto, cada um no seu tempo particular, devido a mesma perda,

pois mantinham laços afetivos ou de parentesco, oriundos de uma história pessoal e compartilhada na família (Santos et al., 2016). A perda de um membro abala a estrutura da vida familiar, repercutindo em todos os integrantes e exigindo uma reestruturação familiar para a sua continuidade. A família que se enluta é composta pela reação e pesar de cada membro frente os seus recursos individuais, somado ao pesar do grupo, o que exige a construção de significados e elaboração do conjunto como um todo (Walsh & McGoldrick, 1998).

Cada membro da família ocupa um papel de sentido no sistema de relações que organizam o seu ambiente. Assim, conforme a ligação e função desempenhada pelo ente perdido em seu círculo familiar, todos integrantes se encontram com a tarefa de ressignificar os seus papéis, a sua dinâmica, de modo que, muitas vezes, haja uma redistribuição das funções na família e se encontre um outro sentido e funcionamento para tal. Isso ainda é marcado, em especial pelo momento do ciclo de vida familiar em que ocorre a perda. Há perdas que expõem um caráter de inversão da ordem cronológica da vida, ferem o sentido de continuidade da linha familiar, geracional e dos sonhos daquela família, como se apresenta na perda de um filho. Um filho, muitas vezes, representa o centro de investimentos da família e a extensão das figuras paternas e dos seus desejos. Ao lado disso, a identidade de mãe e/ou pai costumam configurar um aspecto central nos sujeitos, que não se desfaz diante da perda do filho, mas enoda a difícil elaboração e nomeação de tal circunstância. Ademais, figuras paternas, irmãos e familiares significativos regem marcas à narrativa de vida do sujeito enlutado. Na perda de tais entes, em especial no caráter único do vínculo com cada sujeito, insubstituível, perde-se alguém que pode ter sido fonte principal de acolhimento, afeto, e importância para a formação e constituição do sujeito, no que condiz a definição dos traços da sua identidade, na percepção das semelhanças e diferenças com o outro (Miceli, 2013).

Com isso, desafia-se a família a se reestruturar individualmente e conjuntamente na especificidade de cada perda. A adaptação do sistema em face ao luto envolve descobrir formas de colocar a perda em perspectiva e dar seguimento à vida. Tal processo é influenciado, especialmente pela coesão e flexibilidade do sistema familiar, a comunicação e a abertura da família, bem como o apoio direcionado pelo círculo social e familiar extenso (Walsh & McGoldrick, 1998). A existência de canais de trocas e fala na família corrobora para a construção de recursos para lidar com as repercussões da experiência do luto. Ao contrário, o silenciamento e a ausência de um compartilhamento

do luto, podem tornar inaudíveis as implicações do pesar em cada membro e dificultar a reestruturação da família.

Apesar de sua relevância, o luto em uma perspectiva familiar ainda é pouco estudado. Delalibera et al. (2015) realizaram uma revisão sistemática da literatura acerca da dinâmica familiar no luto de familiares adultos, encontrando, entre os anos de 1980 a 2013, apenas 15 artigos de estudos empíricos. Tais autores consideraram poucos estudos sobre o tema e indicaram que o funcionamento familiar no processo de morte de um familiar e, principalmente, no luto é uma área pouco investigada. Nesse ínterim, destaca-se a importância do desenvolvimento de pesquisas acerca do luto no âmbito familiar, que compreendam as nuances e a complexidade que envolve a perda de um ente querido, bem como as discussões e lacunas referentes à temática no âmbito nacional e internacional.

Objetivo

A presente pesquisa apresenta uma revisão sistemática integrativa da literatura sobre as repercussões do luto de figuras do núcleo familiar, objetivando apresentar e discutir as características e resultados dos estudos empíricos sobre a temática.

Método

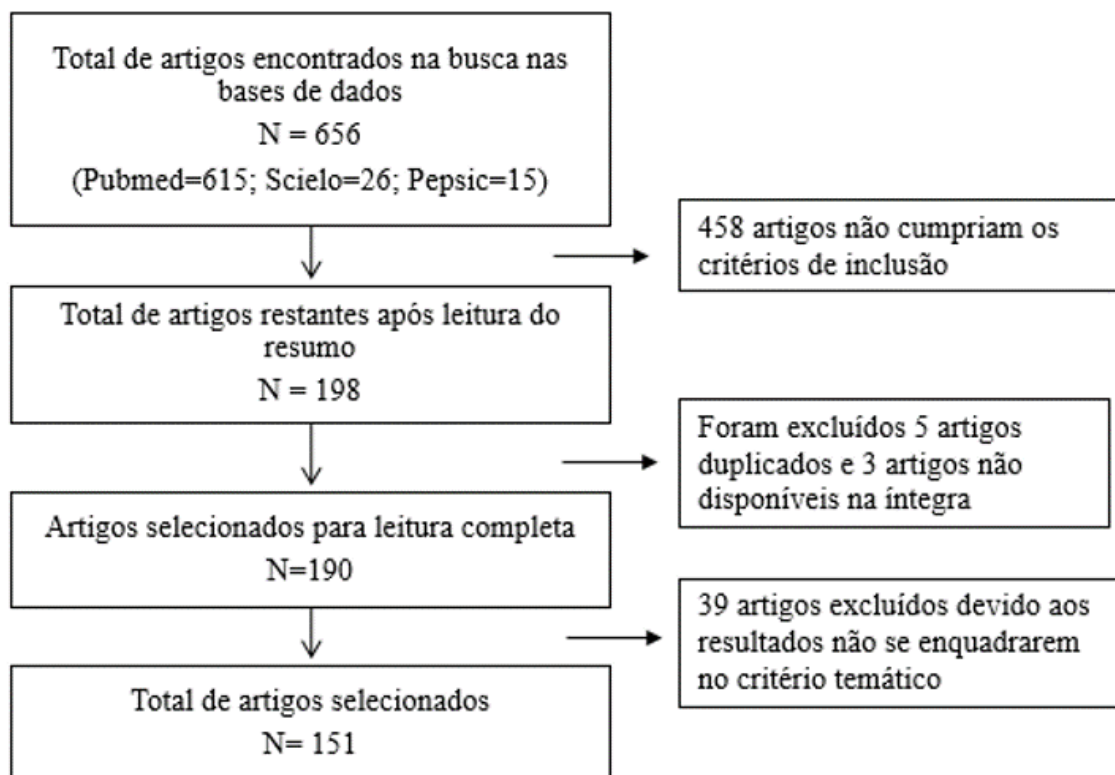
Realizou-se uma revisão sistemática integrativa da literatura acerca de família e luto. A revisão integrativa com o intuito de desenvolver uma discussão e compreensão holística da temática pesquisada, utiliza-se de diferentes fontes de dados, demonstrando o estado da ciência e contribuindo para o desenvolvimento da teoria (Silva et al., 2020). A investigação abrangeu a produção de artigos científicos de janeiro de 2010 a julho de 2020, acessada por meio das bases de dados “PubMed”, The Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). Os descritores utilizados para a pesquisa foram “família” e (and) “luto” sendo requeridos no título ou resumo. Para abranger a variação da língua inglesa, na PubMed foram utilizados os descritores “grief*¹” ou (or) “bereave*” ou (or) mourning, associados (and) ao termo “Family”. Os idiomas selecionados como filtro foram português, inglês ou espanhol.

¹ O asterisco indica que a busca se efetuou com base no radical da palavra, de modo a incluir todas as possíveis derivações.

Essa busca inicial resultou em 656 resultados, os quais foram selecionados pelos autores, conforme a figura 1, restando 151 artigos que cumpriram com os critérios de inclusão: ser artigo empírico, estar disponível para leitura integralmente e de forma gratuita, ter como participantes famílias ou familiares enlutados, o luto ser referente à morte de uma pessoa da família, o estudo trazer resultados sobre o luto da família.

Figura 1

Procedimentos de seleção de artigos.



Todos os 151 artigos foram lidos na íntegra e seus dados foram analisados a partir das seguintes categorias previamente definidas pelos autores: (1) Ano de publicação; (2) País de publicação do periódico; (3) Método; (4) Principais resultados. As categorias (1), (2) e (3), sendo dados quantitativos, foram submetidos à análise de frequência. Já os dados constituintes da categoria (4) – principais resultados – foram submetidos a uma análise de conteúdo qualitativa, buscando sintetizar os principais resultados que a literatura científica vem disponibilizando sobre a temática.

Resultados e Discussão

Ano de publicação

De modo geral, ao considerar a década incluída na pesquisa (2010 - 2020), observou-se um aumento nas publicações acerca da temática do luto familiar a partir do ano de 2015, de modo que de 2015 a 2020 estão contidas 98 das 151 publicações (aproximadamente 65%). Quanto ao ano de publicação dos artigos selecionados, pode-se perceber que 2018 foi o ano que mais obteve publicações sobre o tema, com 22 estudos publicados (aproximadamente 15%). Em seguida, o ano de 2016 foi o segundo principal ano de publicação de artigos científicos sobre o assunto em questão, com 21 artigos (aproximadamente 14%).

País de publicação do periódico

No que diz respeito ao país de publicação, foram identificados 16 países diferentes na revisão, destacando-se ser este um tema de interesse que perpassa diferentes contextos culturais. Contudo, destaca-se a quantidade expressiva de publicações nos Estados Unidos, onde foram publicados 71 dos estudos selecionados na revisão (aproximadamente 46%). Posteriormente, a Inglaterra concentrou 42 publicações sobre a temática do luto familiar (cerca de 27%). Em seguida, a Suíça e o Brasil aparecem em terceiro lugar, reunindo 10 publicações cada um, sobre o tema em questão (aproximadamente 7%). Em quarto lugar estão o Irã, a Índia, a Coreia do Sul e a Alemanha, cada um desses países contendo 3 publicações sobre a temática do estudo (quase 2%). Conforme foi constatado, o Brasil apresentou um número mais expressivo de publicações do que países como Alemanha e Índia. No entanto, este dado deve ser relativizado, considerando-se que nesta revisão foram acessadas duas bases de dados que congregam produções da América Latina. Países como Austrália, África do Sul, China, Escócia, Irlanda, Israel, Itália, Turquia e Uganda, somaram-se à revisão apenas com 1 publicação cada.

Quanto aos periódicos das publicações, no total foram identificadas 99 revistas científicas para os 151 artigos publicados (cerca de 65%). A revista americana “Journal of Pain and Symptom Manage” conteve o maior número de publicações, tendo somado 14

artigos publicados entre os anos de 2010 e 2017 (9,2%). Em seguida, apareceram as revistas “Journal of Palliative Care”, também americana, e a revista britânica “BMC Palliative Care”, com 7 artigos publicados em cada (4,6%). Ainda, das 99 revistas identificadas, 79 apareceram somente uma vez na revisão, o que indica que as publicações acerca da temática do luto familiar não estão concentradas em poucas revistas, mas sim, circulam por vários espaços de divulgação científica.

Método

Em relação ao tipo de abordagem utilizada nos artigos analisados, a maioria dos estudos foram realizados a partir de uma abordagem quantitativa (51%); 59 artigos (38%) empregaram uma abordagem qualitativa; e 15 (10%) uma abordagem mista.

Em relação às amostras dos estudos selecionados, pôde-se observar que 89 estudos (59%) foram realizados com pessoas enlutadas pela morte de familiares sem delimitação de participantes por classificação de parentesco. Desse modo, os participantes tinham diferentes parentescos com as pessoas falecidas e poderiam ou não incluir participantes de uma mesma família. Alguns destes estudos também incluíam na amostra profissionais, amigos, cuidadores, ou pessoas de um grupo de controle. Destes estudos, ao considerar o parentesco dos participantes, identificou-se uma prevalência de estudos realizados com pais e/ou mães enlutados (18%); seguidos por estudos com filhos enlutados (14%). Outros 13 estudos (9%) incluíam irmãos enlutados, 14 amostras (9%) incluíam, além de familiares, profissionais da área da saúde envolvidos no cuidado dos falecidos, e 9 estudos (6%) incluíam amigos enlutados nas amostras.

Do total dos estudos identificados, 46 (31%) incluíam subsistemas específicos da família. Destes, grande parte considerou as figuras parentais enlutadas pela morte de um filho (21 artigos), sendo que 13 se referiam a uma perda gestacional ou neonatal. Outros 13 estudos foram realizados com viúvos enlutados pelo cônjuge, seis estudos com irmãos dos falecidos e seis especificamente com filhos que perderam o pai ou a mãe. Ainda, as pesquisas realizadas especificamente com familiares cuidadores enlutados foram 16 (11%).

Principais Resultados

A fim de sintetizar os principais resultados das pesquisas relatadas nos artigos revisados, foram criadas seis categorias temáticas, conforme similaridades identificadas

nos resultados analisados. Identificou-se significativa contribuição no que se refere às repercussões do processo de luto em diferentes âmbitos do indivíduo, elementos importantes para a compreensão do luto na família. Assim, inicialmente três categorias abordam, respectivamente: “*Repercussões fisiológicas a partir do luto*”; “*Repercussões psicológicas e emocionais a partir do luto*”; “*Vivências espirituais e ritualização na busca de significados à perda*”. A quarta categoria temática “*Mudanças de comportamentos e relacionamentos familiares*”, concentrou os resultados referentes ao luto na esfera familiar, suas relações, vivências e comportamentos na família enlutada. Já os resultados referentes à experiência das famílias no processo da morte e na relação com profissionais de saúde serão apresentados na quinta categoria “*Experiências de morte e comunicação com os profissionais de saúde*”. Por fim, a sexta categoria “*Intervenções ao luto familiar*” congrega as contribuições a respeito de estratégias de cuidado, apoio e acompanhamento aos familiares enlutados.

Repercussões Fisiológicas do Luto

O luto se evidencia como uma vivência que pode reverberar em diferentes dimensões do sujeito, como a dimensão física, emocional, bem como espiritual. Stroebe et al. (1993) declaram que as reações físicas do luto envolvem as mudanças de apetite, do peso do enlutado, modificações no sono, na disposição que revelam possíveis exaustões, palpitações, além de alterações que acometem a sexualidade do enlutado. O encaminhamento do luto passa a se expor por meio do corpo e da linguagem.

Os efeitos fisiológicos devido ao luto e à perda foram encontrados em dez artigos. No momento imediato após a perda, foram relatados principalmente os sintomas de náusea, vômito, tontura, dores abdominais e falta de ar e de memória (Spillane et al., 2018). Ao longo do processo de luto identificou-se também a perda de apetite, do prazer em cozinhar, nos hábitos alimentares, assim como na dificuldade de investir em si e no seu cuidado, associados a uma diminuição significativa do peso (Campos et al. 2018). Tais manifestações físicas estiveram ligadas a sentimentos de culpa, tanto na vivência de mães, quanto na vivência de familiares enlutados por suicídio (Campos et al. 2018; Spillane et al., 2018). A associação entre o luto e alterações no Índice de Massa Corporal (IMC) também foi relatada em estudos com indivíduos que perderam os pais. Essas alterações eram influenciadas, principalmente, pelo tempo decorrido desde a perda, de modo que perdas mais recentes estavam associadas à diminuição do IMC, enquanto

perdas mais antigas estavam associadas ao aumento do IMC desses sujeitos (Oliveira et al., 2014).

Ademais, diversos estudos apontaram alterações no sono de sujeitos enlutados. Resultados evidenciaram que cuidadores enlutados pela perda de pacientes internados em cuidados paliativos possuem má qualidade de sono logo após a perda ou até um ano depois. As diferenças na qualidade e na quantidade de sono variavam em gravidade e duração, dependendo do indivíduo, do seu vínculo com o paciente e suas características pessoais (Lerdal et al., 2016). Da mesma forma, familiares que vivenciaram perda por suicídio relataram alterações no sono, como dificuldade para dormir e necessidade de realizar diversas atividades durante o dia para estarem cansados o suficiente na hora de ir para a cama (Spillane et al., 2018). Alterações da atividade beta frontal medidas por eletroencefalograma têm sido associadas a transtornos psiquiátricos e também se mostrou um importante indicativo de distúrbio do sono, sua medição em familiares enlutados apontou uma correlação inversa significativa entre o poder beta frontal e o sintoma de insônia nas famílias enlutadas (Jang et al., 2017).

Por fim, o luto de familiares foi associado a um risco aumentado de desenvolvimento de câncer cervical em mulheres. Perdas múltiplas, perda de pessoas próximas ou morte por causas não naturais aumentaram essa associação, o que pode implicar em um processo de luto com maiores repercussões à saúde física do enlutado (Lu et al., 2015). Demais literaturas corroboram com tal achado ao retratar o processo de luto atuando diretamente no sistema imunológico do enlutado, que pode ocasionar uma suscetibilidade ao adoecimento ou agravamento de tal e, em casos mais graves, a morte (Worden, 2013).

Repercussões Psicológicas e Emocionais do Luto

Stroebe et al. (1993) referem nas conjecturas das dimensões do luto, o destaque a dimensão emocional dessa vivência. Destacam uma gama de reações à perda do outro e do que se era diante dele, como o choque, raiva, entorpecimento, culpa, bem como sentimento de alívio, depressão, irritação, isolamento, ansiedade e medo.

Cento e quatro artigos abordaram questões relacionadas aos efeitos psicológicos e emocionais vivenciados após a perda de um familiar. A totalidade dos estudos identificou alguma forma de impacto emocional nos participantes durante o enfrentamento do luto após a morte de um ente querido. Mesmo em estudos que relataram

sentimento de alívio por parte do cuidador informal (familiar) depois do falecimento do seu familiar que se encontrava adoecido por longo tempo, a angústia e sentimento de pesar foram experimentados pelos indivíduos. Em geral, os resultados encontrados nos artigos referiram sofrimento dos familiares associados a sentimentos de perda, tristeza, solidão, isolamento, raiva, medo, angústia, frustração, vergonha e culpa. Ao considerar aspectos psicopatológicos, os estudos também apontaram para o surgimento ou aumento nos sintomas depressivos, de ansiedade e de TEPT (transtorno de estresse pós-traumático); desenvolvimento de Luto Complicado; problemas de internalização e externalização, vivência do luto como um fator de risco para a ideação e tentativas de suicídio.

Uma das temáticas com destaque está relacionada ao surgimento ou agravamento de sintomas depressivos ou do Transtorno Depressivo em si, estando retratado em 29 estudos. Os dados abarcavam sintomas depressivos de leves a moderados e graves, podendo ou não estar associados a outros transtornos e problemas, como luto complicado, ideação suicida, falta de apoio dos serviços de saúde e fatores agravantes, como idade, relação com o falecido e tempo desde a morte. Estudos demonstraram que crianças e jovens enlutados pela morte dos pais têm mais probabilidade de apresentar sintomas de depressão do que crianças e jovens não enlutados (Kaplow et al., 2010; Pham et al., 2018). No estudo de Pham et al. (2018), verificou-se que o pico dos sintomas depressivos e incidência da depressão em jovens enlutados aparecia nos primeiros dois anos depois da morte parental, sendo mais comum naqueles cuja perda foi antes dos doze anos de idade. Já quando se compara as diferentes vinculações de jovens adultos com o familiar que morreu, altos níveis de dependência do enlutado foram relacionados a mais sintomas depressivos (Mash et al., 2014). Sintomas de ansiedade e depressão também foram relatados tendo relações com experiências anteriores à morte, relacionadas aos cuidados com o familiar adoecido e a qualidade de morte, que podem ser negativas para os familiares. Cuidadores primários foram relatados com maior probabilidade de apresentar tais sintomas (Jho et al., 2016; Ornstein et al., 2017). Em contrapartida, os enlutados que participaram de discussões de fim da vida de seus familiares apresentaram menor probabilidade de desenvolver sintomas de depressão (Yamaguchi, 2017). Destaca-se que luto e depressão estão relacionados, mas são distintos e não se relacionam como causa-efeito (Lövgren et al., 2018; Mash et al., 2014).

A temática da ideação suicida esteve presente nos achados de nove artigos. O

sofrimento emocional perante o enfrentamento do luto serviu como fator de risco para parte de familiares, que desenvolveram ou agravaram ideações suicidas pré-existentes. Segundo Ariapooran et al. (2018), das 146 mulheres enlutadas pela morte de um jovem (marido, filho(a) ou irmão(ã)), 48% apresentaram ideações suicidas e isso esteve relacionado com fatores sociais, apoio da família e amigos, e resiliência na vivência do luto. Já Guldin et al. (2017) identificaram taxas de risco de suicídio mais altas em familiares mais jovens e em pessoas com diagnóstico psiquiátrico prévio. Mortes súbitas por suicídio, homicídio ou acidente foram identificadas como parte do perfil de risco. Também se destaca o estudo de coorte realizado por Groot e Kollen (2013) com familiares enlutados por suicídio, no qual quadros de luto complicado, depressão e ideação suicida foram mutuamente associados, e também apontou que o risco de seu desenvolvimento diminui ao longo do tempo.

Questões que permeiam o Luto Complicado também tiveram destaque entre os resultados, aparecendo em 15 estudos. Encontrou-se maior risco de luto complicado em famílias com níveis mais baixos de conflito anterior a morte, porém que tiveram níveis mais altos de conflito associados a decisões difíceis no final da vida, em famílias que tinham membros com dificuldades em aceitar a doença, e famílias que estavam cuidando de pacientes com maior medo da morte (Kramer et al., 2010; Mash et al., 2014). De acordo com Thomas et al. (2014), por meio de um estudo quantitativo longitudinal com 301 cuidadores familiares, verificou-se maiores escores de Luto Complicado associados a participantes que moravam junto dos entes falecidos, a indivíduos mais jovens e a que não haviam concluído o ensino médio, e também maiores sintomas em cuidadores cônjuges em relação àqueles que cuidavam dos pais. O estudo também associou ansiedade, depressão e desmoralização como preditores do Luto Complicado.

Vivências espirituais e ritualização na busca de significados à perda

As crenças sobre vida e morte e a relação destas com a experiência de luto permitem um contorno e linguagem construídos socialmente para o pesar e o sofrimento, tornando-os passíveis de serem elaborados e suportados na vida dos indivíduos. Ademais evidenciam-se como formas possíveis de o enlutado assumir ativamente uma compreensão da experiência vivida. Estes aspectos estiveram presentes em 21 artigos. Destes, a maioria dos estudos trouxe resultados que indicam a importância das crenças de religião e espiritualidade dos familiares enlutados enquanto ferramenta de elaboração do

luto.

A espiritualidade pode ser compreendida como relacionada aos significados atribuídos à existência, no princípio de que há mais na vida além daquilo que se pode ver ou entender completamente, podendo fazer parte dos processos de decisão. A espiritualidade pode ser vivenciada no contexto da religião, no entanto, ela não se restringe a este espaço. Ela é considerada um fenômeno social, que se configura por um conjunto de sistemas da cultura e de crenças compartilhadas, referidas à organização institucional que atribui um significado possível por via do sagrado à vida e à morte (Arrieira et al., 2011). No estudo qualitativo de Tenório et al. (2019), com 15 mulheres que vivenciaram uma perda gestacional devido à gravidez molar, os resultados apontaram que algumas participantes recorreram à espiritualidade como forma de encontrarem apoio frente ao diagnóstico de gravidez molar e às perdas resultantes deste, e de atribuir significados à experiência vivenciada.

Algumas crenças sobre a nova forma de relação com o falecido apresentaram efeitos de bem-estar ou sensação de conforto aos familiares enlutados. Os participantes do estudo de Luna (2019), que eram homens viúvos, demonstraram não cortar laços com a esposa que morreu, mas resignificá-los, mantendo um relacionamento com a pessoa falecida de alguma forma, mesmo sem sua presença física. Também no estudo de Foster et al. (2011), realizado com pais e irmãos de crianças falecidas por câncer, a maioria relatou encontrar conforto em manter alguma espécie de vínculo com a criança falecida, por meio de lembranças positivas, conversas, ou até mesmo sensações físicas que indicavam a presença do filho/irmão.

Ainda, embora grande parte dos estudos ressalte as crenças espirituais e religiosas na construção de sentido após o luto, no estudo de Meert et al. (2015), com pais que perderam seus filhos após internação em uma unidade de terapia intensiva pediátrica, a maioria dos processos de criação de sentido se basearam em explicações biomédicas. Estas explicações buscam por meio da ciência biológica e da intelectualização atribuir uma razão possível à perda, que confere um entendimento a tal.

Além disso, alguns dos estudos apontam o papel dos rituais de luto como instrumentos relevantes que influenciam na maneira como cada um experiencia a morte de um familiar. A pesquisa de Sadeghi et al. (2016), com familiares de bebês que morreram na Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal do Irã, evidenciou em seus resultados o desejo dos participantes em realizarem uma cerimônia de enterro e funeral

para seus filhos, o que tornaria mais fácil aceitar a morte de seu bebê.

Os rituais de despedida assumem a função essencial na vivência do luto ao atribuir uma compreensão psíquica ao acontecimento da perda, demarcando uma transição do enlutado para outra posição psicossocial. Por meio do enterro e funeral, há a construção de um senso de concretude e realidade da perda, favorecida pela despedida compartilhada entre o sujeito enlutado e a sociedade. Isso também foi retratado em pesquisas com irmãos enlutados, nas quais aponta-se que a maioria participou dos rituais fúnebres e de despedida do irmão (Brooten & Youngblut, 2017; Foster et al., 2012). Além disso, muitas crianças relataram continuar sua relação com o irmão de diferentes formas, como por meio de fotos, amuletos, brinquedos e diários (Brooten & Youngblut, 2017). Outro estudo realizado nos Estados Unidos entrevistou mulheres adolescentes negras que estavam enlutadas por uma perda perinatal. As participantes citaram a importância das lembranças do bebê, como roupas e fotos, e também o apoio espiritual no conforto e auxílio para enfrentarem o processo de luto (Fenstermacher & Hupcey, 2019).

Outro dado relevante encontrado na revisão advém do estudo de Black et al. (2011), e diz respeito à influência da circunstância da morte na estruturação do luto, ou seja: fatores como o lugar onde a pessoa morreu ou a maneira como ela morreu, podem influenciar a forma como os familiares do falecido atribuem significados a esta morte. O estudo de Gomes et al. (2015), que pesquisou sobre como o local onde a pessoa morre reverbera no luto dos familiares, corrobora com esta ideia: seus resultados apontam que os graus de luto foram menos intensos nas ocasiões em que o paciente morreu em casa em comparação aos casos em que a morte ocorreu no hospital.

Ademais, alguns resultados mostram que as crenças dos familiares perante a morte, bem como a expressão destas, estão relacionadas com o contexto sociocultural e étnico do qual a família faz parte, sendo pontos relevantes para compreender o processo de luto e sua significação. Roberts et al. (2012), em estudo com mulheres pobres e rurais do centro da Índia que tiveram filhos natimortos, apontaram que as normas sociais locais influenciavam de maneira negativa nas experiências de luto perinatal dessas mulheres, visto que havia falta de validação e amparo a elas. Segundo este estudo, questões de gênero, poder, suporte social e crenças religiosas interferem no modo como é enfrentado o luto perinatal pelas mulheres que vivem em um contexto cultural rigidamente controlado. Ainda, o estudo de Fenstermacher e Hupcey (2019), realizado com oito mulheres negras com idades entre 18 e 21 anos que haviam experienciado perda perinatal

recente, apontou que mulheres adolescentes negras precisam de apoio culturalmente apropriado ao luto, como informações objetivas, comunicação compassiva e respeitosa e apoio de suas mães, avós e outras mulheres de sua comunidade de fé que tenham sofrido perda perinatal.

Mudanças de Comportamentos e nos Relacionamentos Familiares

A morte como um evento nodal reverbera na estrutura familiar e repercute em todos os membros familiares, demandando mudanças para a sua continuidade. A família que se enluta, apresenta a reação e sentimento de cada integrante nos seus enredos singulares, somados aos repertórios do grupo, visto que o sistema como um todo elabora a perda (Walsh & McGoldrick, 1998). Com isso, os familiares próximos precisam enfrentar diversas adaptações na esfera individual e social.

Mudanças de comportamentos e relações dos familiares após a perda foram abordados em 70 artigos. Os resultados evidenciaram que no período de enlutamento os familiares reavaliam perspectivas de vida, interesses e objetivos. Repercussões no âmbito estudantil e laboral foram evidenciadas na maioria dos artigos. Resultados abordaram como a perda do pai associa-se a maiores chances de abandono do ensino médio e à diminuição nas chances de ingresso no ensino superior por parte dos filhos enlutados. Essa associação torna-se mais forte de acordo com a vulnerabilidade de recursos do cônjuge sobrevivente (Prix & Erola, 2016). Nessa linha, ficou evidente também que adolescentes enlutados pela morte súbita de um dos pais tendem a ter planos de trabalho, planos de educação e aspirações futuras menos elaborados do que jovens não enlutados (Brent et al., 2013). Somado a isso, os resultados mostram mudanças no desempenho escolar de irmãos enlutados, com a presença de dificuldades de concentração, notas mais baixas e, em alguns casos, a necessidade de mudar de escola. Alguns desses indivíduos passaram a realizar novas atividades de interesse após a morte do irmão, como tentar um novo esporte, já outros perderam o interesse em atividades que eram, anteriormente, prazerosas (Foster et al., 2012). Ainda, os sujeitos enlutados pela morte de irmãos conversam e pensam no irmão falecido, nos primeiros meses após a perda.

A morte de uma figura importante, como as figuras parentais, bem como filho e irmão pode incluir demais perdas daquilo que o ente cumpria como função para o enlutado. Nesse viés, há o abalo de uma extensão de compreensões e suposições acerca do mundo construídas em conjunto com o familiar (Worden, 2013; Walsh & McGoldrick,

1998). Coloca-se em questão o mundo presumido e construído em conjunto com a figura perdida, que provia segurança e referência para o sujeito lidar com o ambiente, com as suas emoções, e com o planejamento dos seus comportamentos. Frente à perda, demanda-se rever tais aspectos do mundo presumido, como um movimento que atravessa o luto e exige tempo (Parkes, 2009). Mediante a isso, há um balanço importante entre viver o pesar e direcionar novos sentidos e investimentos na vida.

Pais que perderam seus filhos relataram mudanças nas suas prioridades de vida e no que consideravam importante, como a saúde e o convívio familiar. Tornaram-se explícitas modificações nos comportamentos rotineiros da família, como aumentar e valorizar o tempo de convívio entre pais e filhos, bem como recorrer ao apoio da família extensa quando necessário. Alguns pais deixaram seus empregos e não conseguiram mais trabalhar tanto quanto antes da perda, outros, ao contrário, começaram a trabalhar mais, como uma forma de enfrentar o processo de luto (Gilmer et al., 2012; Fernández-Sola et al., 2020).

Outros resultados importantes apontam para o aumento do uso de substâncias lícitas e ilícitas durante o processo de luto, assim como maior risco de comportamentos suicidas por parte da população de indivíduos enlutados (Drabwell et al., 2020; Guldin et al., 2017; Kaplow et al., 2010; Rosenberg et al., 2015). Comportamentos sociais também foram modificados. Sujeitos enlutados, em sua maioria, diminuíram sua integração social, estabeleceram o isolamento e a retirada social por um tempo e diminuíram o apego aos pares.

Mudanças na questão financeira familiar também merecem destaque. Após a perda, especificamente uma perda ocorrida após um desastre natural, uma menor perda financeira da família refletiu em um funcionamento familiar mais funcional durante o processo de luto (Cao et al., 2013).

Alterações na vivência da sexualidade conjugal também foram ressaltadas após a perda, especificamente após a perda perinatal, de um filho recém-nascido. O desejo sexual do casal, muitas vezes foi diminuído, assim como a relação sexual foi reportada como mínima logo após a perda, fatores que melhoraram com o tempo. Alguns pais enlutados expressaram a evitação de uma nova gravidez, outros pais, no caso de nova gestação apresentaram comportamentos de preocupação e medo excessivos, com a medicalização e abuso de serviços de emergência durante a gravidez (Fernández-Sola et al., 2020).

O relacionamento familiar após a perda devido a um aborto espontâneo foi

abordado no estudo de Bellhouse et al., (2018) como um fator que exerce influências no luto das mulheres. O apoio dos cônjuges e de outras mulheres que haviam experienciado abortos espontâneos foi identificado como referência central no enfrentamento do luto para a maioria das participantes do estudo. Por outro lado, também se destacou a percepção de um grande silêncio e desconforto em torno do tema do aborto, levando a sentimentos de solidão e isolamento durante esse processo. O estudo de Camacho-Ávila et al. (2019) sobre perda neonatal também ressaltou sentimentos de solidão e de falta de empatia referidos pelos pais enlutados. Os pais que conseguiram se despedir do filho morto valorizavam os momentos em que foi permitido o contato físico com o bebê. Em contrapartida, pais que não puderam segurar o bebê ou guardar algumas lembranças relataram angústia.

Ainda com relação às mudanças vivenciadas por pais enlutados, encontraram-se resultados que abordavam tanto mudanças positivas quanto mudanças negativas com relação ao relacionamento familiar e ao relacionamento com outras pessoas. As mudanças positivas vivenciadas após a perda de um dos filhos envolveram a maior interação e tempo passado com os filhos, atitudes mais respeitadas e simpáticas com as pessoas à sua volta, assim como um maior sentimento de gratidão pelo que os outros haviam feito pela família. Já as mudanças negativas referiram-se a piores interações com os outros e maiores dificuldades de conversar em família e se reunir (Gilmer et al., 2012). Ademais, especificamente pais e cuidadores que perderam um filho devido ao câncer, demonstraram como um período de crise pode afetar todo o sistema da família, sendo a resiliência familiar um fator importante de enfrentamento no processo de luto. Muitas famílias reconheceram a resiliência final da criança falecida como sendo um legado e um propósito para seguir em frente e honrar a criança que morreu (Rosenberg et al., 2013). Em outro estudo, foram relatadas repercussões diferenciadas, sendo que em alguns casos a família ficou mais distante, alguns pais se separaram e a relação dos pais com os filhos piorou, em outros a família se tornou mais unida, passando mais tempo junta e conversando mais (Foster et al., 2012).

Resultados importantes acerca de culturas específicas também foram encontrados. O luto dos Shiduers, pais chineses que perderam seu único filho, era compartilhado nas diversas relações sociais dos pais. Os resultados apontam que o relacionamento com o falecido, o relacionamento com parentes e com outras pessoas que compartilharam a mesma perda eram vistas como de apoio, ajudando a manter conexão com a criança

falecida e passar pelo processo de luto de maneira mais tranquila e adaptativa (Zhang & Jia, 2018). Um estudo com 264 famílias enlutadas examinou o funcionamento familiar 18 meses após o terremoto Wenchuan na China e demonstrou que a coesão familiar no processo de luto esteve associada a diversos fatores. Famílias extensas ou nucleares apresentaram pontuações mais altas de adaptabilidade e coesão familiar do que famílias monoparentais. Além disso, pais enlutados que tinham ou estavam gestando outros filhos tiveram maiores pontuações para função familiar positiva e coesão em comparação aos outros pais (Cao et al., 2013).

Do mesmo modo, mulheres que tiveram filhos natimortos na parte rural da Uganda relataram sua experiência de enlutamento como sendo solitária. O enterro do natimorto, culturalmente conhecido por denominações como *empuna* e *ekintué* ('uma coisa'), é feito particularmente pela mãe, sem muita abertura para apoio social e condolências. O sistema de saúde e as estruturas sociais fazem-se indiferentes ao processo de luto, sendo o casal, aconselhado a ter outro bebê rapidamente, para evitar a culpa e o divórcio (Kiguli et al., 2015).

Além destes resultados, concebe-se que em relação a irmãos enlutados, diversos aspectos importantes devem ser ressaltados. Os adolescentes que tinham outros irmãos vivos relataram se aproximar deles (Brooten et al., 2017). Somado a isso, adolescentes que perderam irmãos por Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) exerceram função de cuidadores ativos de seus irmãos doentes, mas receberam apoio emocional inadequado antes e depois da morte do irmão. O estigma da AIDS e a luta diária da família pela sobrevivência fizeram com que esses adolescentes guardassem seus sentimentos e pesar para si mesmos. Apesar do trauma de perder um irmão amado e das dificuldades de seu ambiente, eles demonstraram notável coragem e preocupação pelos outros (Demmer & Rothschild, 2011). Ainda, sobre o enlutamento por parte dos irmãos, as crianças menores (6 anos) foram as que relataram mais mudanças familiares em relação às maiores. Mais momentos em família, mais viagens, busca de atividades novas e perceber os pais mais tristes e não se divertindo tanto, foram algumas das situações relatadas. Com o passar do tempo de luto, as crianças relataram menos mudanças no sistema familiar (Brooten & Youngblut, 2017).

Diversos resultados relacionados com a perda de um dos pais também foram encontrados. Em um dos estudos, mudanças e adaptações na comunicação familiar após a perda evidenciaram a importância da comunicação honesta entre os membros da família,

as necessidades de falar e lembrar do falecido e a importância de comunicar quando alguém precisa de ajuda. A maneira como a família enfrenta os novos desafios de comunicação e de adaptação a partir da perda afeta a capacidade que a família tem para lidar e vivenciar o processo de luto (Weber et al., 2019). Com relação a morte de um dos pais já idoso, um estudo abordou a importância que o pai falecido tinha como papel central na família, e como havia o medo da família se afastar após a sua morte. Ocorreram mudanças de papéis familiares, com o filho mais velho ocupando o papel de “chefe da família” e a mãe viúva sentia-se mais insegura e dependente sem ocupar seu papel de esposa. A família continuou vivendo unida, pois sentia que estarem juntos era um desejo do pai falecido. (Black et al., 2011). Na mesma direção, relatos sobre a perda da mãe por filhas já adultas também merecem ser destacados. Na região do México onde a pesquisa de Medina (2014) foi realizada, se destaca a organização de famílias matriarcais, sendo a perda da mãe um fator de grande impacto na dinâmica familiar. As filhas enlutadas relataram diversas mudanças após a perda, seja mudança de casa, emprego, até a necessidade de ocupar o papel de cuidadoras da família, principalmente cuidadoras dos irmãos.

Com relação ao luto conjugal, também destaca-se o tema do apoio familiar e social. Os homens viúvos na pesquisa de Luna (2019) demonstraram valorizar o apoio familiar e social que receberam durante o adoecimento e morte da esposa, com auxílio para os cuidados médicos, os cuidados com os filhos e ajuda para manter a rotina da casa. Os viúvos também abordaram os desafios da retomada da rotina familiar sem o papel da esposa na dinâmica da família e a necessidade de ocupar esse lugar de condutor. Em outro estudo, os participantes viúvos sentiram a diminuição do apoio social da família ao longo do tempo após a perda e, embora o suporte familiar fosse considerado importante, as amigas pareciam oferecer maior proteção contra a solidão do que os membros da família. Sendo assim, os indivíduos que relataram os maiores níveis de apoio social apresentaram os menores níveis relatados de solidão (Utz et al., 2014). No caso do luto por parte de um cônjuge já idoso outras preocupações familiares se fizeram presentes. O protecionismo e o ‘não falar sobre a morte’ estiveram presentes tanto por parte das esposas viúvas, a fim de protegerem os filhos de sofrimento e aborrecimento, deixando de compartilhar seus momentos de solidão e tristeza, quanto por parte dos filhos, que buscavam proteger suas mães de possíveis frustrações e estresses durante o enlutamento. As viúvas reforçaram a sua independência familiar como um importante fator no

fortalecimento do seu senso de identidade, assim como sua crença de que seus filhos não eram capazes de compreender profundamente sua dor, devido à diferença das gerações (Moss & Moss, 2014).

Experiências de Morte e Comunicação com os Profissionais de Saúde

A comunicação possui um papel fundamental para a vivência do luto. Em especial, frente a experiência de proximidade da morte decorrente do adoecimento, a abertura para o diálogo estabelecida pelos profissionais de saúde e família com familiar, influenciam o modo como a família lida com suas emoções. Desde as comunicações de notícias difíceis, mediante o diagnóstico de um processo de fim de vida, bem como do óbito do ente querido, se estabelece o canal de comunicação que permite ou não a circulação e encaminhamento das angústias, questionamentos e singularidades da relação com aquele que vem a falecer. A obtenção de um espaço de fala por meio do acolhimento dos profissionais de saúde promove a compreensão dos sentimentos do luto que antecedem a morte e a construção de recursos emocionais para lidar com ela.

Foram encontrados 47 artigos com resultados sobre processo do luto dos familiares relacionados aos cuidados de fim de vida prestados ao falecido e/ou a comunicação com os profissionais de saúde envolvidos no cuidado da pessoa em estado terminal. A maioria desses estudos encontraram que experiências negativas nos cuidados com o familiar falecido e na relação com os profissionais de saúde estiveram relacionadas a maiores dificuldades no processo de luto, destacando a importância do preparo dos profissionais de saúde para o trabalho diante da morte. O estudo de Harrop et al. (2016), por exemplo, encontrou que a má comunicação acerca do processo de morte entre a equipe médica e as famílias dos pacientes foi um fator comum entre os relatos de experiências problemáticas de morte e luto. Além disso, o estudo de Abbott et al. (2014) apontou que quanto pior a percepção dos cuidadores de um familiar sobre a qualidade do fim de vida do paciente, maior é o risco de o familiar apresentar ideação suicida durante o luto desse cuidador.

Alguns estudos demonstraram a experiência dos cuidados paliativos do familiar e luto, apontando que o serviço paliativista também se estende após a morte, sendo direcionado ao cuidado com os enlutados (Kramer et al., 2010; Ornstein et al., 2017). Ressalta-se que mesmo vivenciando a experiência de cuidados paliativos, os familiares podem apresentar um grande sofrimento psíquico (Thomas et al., 2014). Quanto ao início

desta prática de cuidado, a pesquisa quantitativa de Dionne-Odom et al. (2016) não encontrou diferenças estatísticas nos escores de depressão e luto de cuidadores familiares de falecidos que receberam cuidados paliativos, tendo estes sido precoces ou não. Ainda assim, os autores não descartam a possibilidade de que os cuidados paliativos precoces possam ter impacto positivo sobre os cuidadores após a morte dos pacientes.

Alguns estudos envolvendo o luto perinatal ou de crianças natimortas, identificaram que uma comunicação cuidadosa de más notícias por parte da equipe médica faz diferença no processo de luto dos pais. A pesquisa qualitativa de Downe et al. (2013) apontou que as interações dos pais com a equipe do hospital afetam diretamente na capacidade de enfrentamento do luto pelo filho natimorto. Ainda, a pesquisa de Pereira et al. (2018) destacou que a maneira como as mulheres expressam ou sofrem a perda de um filho pode ser agravada pela maneira como se dá a comunicação da notícia do falecimento e pela falta de suporte para seu enfrentamento. Segundo este estudo, as equipes não estão capacitadas para a comunicação de más notícias, nem para o apoio a mulheres que perderam um filho recém-nascido. A esse respeito, Kelley e Trinidad (2012) reforçam a necessidade de apoio da equipe profissional, buscando um contato empático e visual, um envolvimento humano e solidário e a sensibilidade para reconhecer e considerar as diferentes necessidades dos pais. Reforçam que o sofrimento da perda neonatal pode ser agravado pela falta de apoio no enfrentamento do luto e pela forma como a notícia da morte é dada aos pais. Fenstermacher e Hupcey (2019), por meio de um estudo com mulheres adolescentes negras que sofreram perda perinatal, ainda lembram que é necessário que o apoio e a comunicação da equipe de saúde estejam adequados à cultura, incluindo os aspectos familiares e as especificidades socioculturais da comunidade.

Resultados específicos sobre conversas em fim de vida também foram reportados nos estudos analisados. Temas como diretrizes antecipadas sobre indicadores de proximidade da morte (ou a falta dela) e a iniciativa para conversas de fim de vida estiveram ligadas à dinâmica das famílias em questão, sendo decisões tomadas, em sua maioria, de forma consensual e coletiva. Identificou-se também que o papel familiar de cuidador primário normalmente era destinado a algum membro da família com base nas dinâmicas familiares. O momento e a pressa com que as decisões eram solicitadas aos cuidadores acresceram um sofrimento emocional (Githaiga & Swartz, 2017). Na experiência de irmãos também foi evidenciada a importância do apoio por parte dos

profissionais de saúde antes da morte, pois o recebimento de informações sobre a doença foi descrito como um passo para tomar consciência e se preparar para a morte iminente (Lövgren et al., 2017).

Intervenções ao Luto Familiar

O amparo e compartilhamento social do pesar é um aspecto importante para a validação do luto e para a vivência saudável deste em cada história familiar. Como sustentação no processo do luto, consideram-se os recursos internos do sujeito, suas condições pessoais e o suporte social nas suas diferentes manifestações. O amparo social, por meio das intervenções profissionais, promove um espaço e olhar de reconhecimento da perda, da dor do enlutado, da desorganização e mudanças que o luto promove.

A temática relacionada a intervenções terapêuticas para familiares em luto foi identificada em 34 artigos, aparecendo de variadas formas, tanto em intervenções individual, coletiva e também familiar. As intervenções foram abordadas nos estudos tanto como parte dos instrumentos de pesquisa propostos quanto a partir de questionamentos acerca de intervenções relatadas pelas participantes (não propostas pelos pesquisadores). Dentre os tipos de intervenções encontradas se destacam: grupos específicos para enlutados; sessões de construção de narrativas; psicoterapia clínica individual; musicoterapia; cartão de aniversário da data de morte; terapia farmacológica envolvendo o uso de medicamentos. Em geral, as ações psicoterapêuticas tiveram como intuito a discussão sobre sentimentos relacionados à perda e enfrentamento do luto, o compartilhamento de histórias, formas de manter o vínculo com o ente falecido, ressignificação da própria identidade e das relações familiares, encontrar maneiras de amenizar sofrimento psíquico e emocional, além de tratar sintomas de luto complicado, ansiedade e depressão. De acordo com Gold et al. (2012), os grupos de apoio entre pessoas enlutadas foram identificados como importantes espaços de validação de experiências e sentimentos, nos quais é possível compartilhar histórias pessoais e é aceitável falar sobre morte. Essas características mantiveram-se inclusive nos grupos que ocorreram de forma virtual.

Destaca-se que 10 artigos eram oriundos de um mesmo estudo americano experimental longitudinal, envolvendo a intervenção denominada “Family Bereavement Program”. Esse programa, direcionado a famílias com crianças ou adolescentes que perderam um dos pais, consistiu em 12 sessões grupais e duas sessões individuais. Os

encontros do grupo de cuidadores era realizado concomitantemente ao dos filhos, sendo abordadas habilidades parentais positivas e habilidades eficazes ao enfrentamento do luto. Seis anos depois da intervenção, foi observado nos pais diminuição presença de problemas de saúde mental, de sofrimento prolongado e de abuso de álcool, além de melhores indicadores de parentalidade (Sandler et al., 2016). Os filhos enlutados, cujas famílias participaram da intervenção, apresentaram níveis de cortisol significativamente mais altos, em medição antes e após uma tarefa de discussão. Sendo o nível de cortisol mais baixo associado a problemas de externalização, sugere-se que a participação no programa familiar pode ter colaborado na saúde mental dos jovens (Luecken et al. 2010).

Além disso, o estudo de Eggly et al. (2015), realizado com 23 médicos de Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica e 23 pais enlutados, analisou os efeitos das palavras utilizadas em Reuniões de Luto entre médicos e pais. Essa intervenção se referiu a um encontro dos pais com os médicos que cuidaram de seus filhos no hospital, algumas semanas ou meses após a perda. A estrutura do encontro fornecia sugestões de tópicos a serem conversados, mas também possibilitava aos pais construir as pautas. Isso possibilitou o fortalecimento dos vínculos familiares e trouxe benefícios relacionados ao entendimento da morte e expressão de emoções, a partir do crescente uso de palavras de sentimentos positivos pelos pais. Esse estudo demonstrou que a análise da linguagem pode significar uma ferramenta eficaz na compreensão das emoções e ressignificações experimentadas por pais que enfrentaram um processo de perda, bem como auxiliar na elaboração de métodos para reduzir as consequências dessa adversidade.

Apenas dois dos 34 estudos não evidenciou resultados significativos de desempenhos educacionais ou efeitos mensuráveis no luto, como ansiedade ou depressão, apresentados pelos participantes associados à participação no programas de acompanhamento (Näppä et al., 2016; Schoenfelder et al., 2015). De modo geral, percebe-se que as intervenções mencionadas tiveram efeitos positivos para os participantes, visto que 32 dos 34 estudos demonstraram resultados consideráveis quando comparadas as avaliações antes e após as intervenções. As avaliações estiveram especialmente ligadas a sintomas de ansiedade, depressão, luto complicado e percepção de bem-estar. Após a aplicação de alguma espécie de prática interventiva, os efeitos negativos originados pela experimentação do luto e processo de perda foram amenizados. Nessa linha, a ordem da resiliência e construção de sentido para a experiência da perda assumem função importante na saúde mental e reestruturação dos familiares.

Considerações Finais

O presente estudo apresenta uma importante contribuição à literatura na área da psicologia no que se refere às famílias enlutadas, servindo também às demais áreas que trabalham nesse contexto ou são perpassadas por seus desafios. A importância da temática e a necessidade de uma publicação que reunisse sistematicamente a produção científica sobre o tema foi uma motivação ao trabalho árduo dos autores.

Os resultados deste estudo demonstram uma crescente no número de publicações de artigos empíricos sobre luto e família nos últimos 5 anos da pesquisa. As publicações analisadas tinham maior concentração nos Estados Unidos, mas destacou-se a presença de diversos locais, sendo que se pode observar a expressividade do Brasil em função das bases de dados utilizadas. Evidenciou-se uma considerável variedade de revistas científicas com publicações sobre o tema. Nesse sentido, considera-se que a temática de luto familiar perpassa diferentes contextos e abordagens e é uma realidade que precisa de atenção na ciência devido à sua complexidade e intensidade.

Já na análise dos conteúdos presentes nos resultados dos artigos, identificou-se a presença de cinco temas com recorrência, os quais foram apresentados em categorias. Pode-se perceber que os pesquisadores têm contribuído com a identificação de repercussões em diferentes dimensões dos familiares após uma perda. A composição corporal, regulação hormonal, emoções, funções psíquicas, atividades laborais, relações sociais, dentre outros, podem sofrer alterações tanto no período imediato à perda, quando se instaura o desequilíbrio na família e no indivíduo, quanto a longo prazo, sendo que o tempo apresenta novas experiências e elaborações. Nesse processo, algumas variáveis foram destacadas, como o vínculo com a pessoa falecida, mortes consideradas traumáticas ou violentas, mortes não reconhecidas socialmente, a idade dos enlutados e a cultura na qual a família está inserida.

Dessa maneira, percebe-se que o luto em diferentes culturas possui aproximações nas suas vivências e diferenciações no que corresponde ao modo como a sociedade e suas regras significam a morte e as relações na rede familiar. Em especial, repetem-se nas diferentes realidades os sentimentos de não validação social e compartilhamento do pesar, em decorrência de um não acolhimento da dor nos espaços sociais, de forma singular quando a perda não é reconhecida através da morte de um bebê, bem como do luto de um

pai. Nessa linha, destacam-se aspectos importantes que facilitam a vivência do luto na família, que correspondem à possibilidade de se despedir, poder guardar objetos e lembranças que refiram ao ente perdido, ter uma comunicação clara e aberta entre a família, e com a equipe. Ainda, pode-se perceber que a literatura tem apresentado diferentes formas que as famílias encontram de se relacionarem com a morte e com a lembrança do falecido, onde apareceram as expressões de espiritualidade e os rituais celebrados, que colaboram na produção de sentidos e elaboração da morte.

A dinâmica familiar após a perda de um de seus membros também passa por ajustes e o relacionamento entre os membros pode tornar-se mais próximo ou mais distante, visto que é influenciado pelo relacionamento familiar pregresso, pelas circunstâncias envolvidas na morte, e por papéis sociais relacionados a gênero e posição na estrutura familiar. De modo singular, a capacidade de se adaptar e lidar com a perda compreende uma das habilidades dos sistemas familiares, que possuem em sua estrutura abertura para circulação do sentimento e do apoio mútuo às expressões dos entes, o que corrobora para o fortalecimento destes como unidade. Nas diferentes expressões do luto que correspondem a família, quando se evidencia o acolhimento, promove-se um reconhecimento da dor e pensamento dos enlutados, possibilitando a maior construção de recursos para enfrentar a situação. Já ao contrário como se evidenciaram em diferentes estudos, o funcionamento familiar que é destacado pela ausência de um espaço que autorize as expressões das conflitivas e angústias em relação a perda, em decorrência do tabu e tensão que se expõe neste tema, dificulta as comunicações e a organização dos entes na família.

O estudo demonstrou que a experiência da família com os cuidados do seu ente querido no período de adoecimento pregresso vem sendo referida como influente na vivência do luto após a morte, o que enfatiza a necessidade de os profissionais de saúde estarem atentos à família de seus pacientes. Compreende-se que frente aos cuidados paliativos que antecedem a perda, há o pressuposto de uma escuta e comunicação clara das informações e das angústias no fim de vida do sujeito, que destacam uma presença natural do sofrimento intenso no luto, porém promovem a possibilidade de um encaminhamento pela família dos seus sentimentos e uma criação de recursos para lidar com a sua dor. Esses recursos são delineados, em especial, pela presença ou não da comunicação, que valida e reconhece o luto da família, busca um cuidado na comunicação de notícias, um entendimento dos desejos e questões daqueles familiares com o ente

querido, permitindo um encontro com uma morte digna, e com respeito às necessidades dos enlutados. Já quanto aos cuidados em saúde mental após a morte, percebeu-se que há uma gama de técnicas de intervenção a familiares em luto referindo benefícios na aplicação.

A realização desta revisão sistemática integrativa foi desafiadora por encontrar estudos em diferentes tipos de parentesco, momentos do ciclo vital, além dos tipos de morte e contexto cultural. A gama de possibilidades de olhar para tais dados foi um desafio na sua sistematização, e sem dúvidas, não foi possível abarcar todas as suas temáticas e relações. Destaca-se que a maioria dos estudos não diferenciavam o tipo de parentesco de seus participantes, citando-os como “familiares enlutados”, e poucos incluíam mais de uma pessoa da mesma família para a compreensão da experiência de luto familiar. Dessa forma observou-se a tendência do olhar individual para o luto mesmo quando a morte é de um membro da família, e a necessidade de ampliar a visão do luto enquanto uma vivência familiar. Foi evidente que há grande presença de estudos com familiares, mas ainda se carece de estudo sobre famílias, que ampliem suas análises para o sistema familiar, para além de um membro. Ressalta-se que famílias são mais do que a soma de seus membros, de forma que interações, reciprocidades e diferentes narrativas são parte da experiência familiar de luto.

A partir do exposto, verifica-se que este estudo pode servir de embasamento para futuras pesquisas com a possibilidade de analisar os resultados existentes e observar as lacunas no que se refere a estudos empíricos com famílias enlutadas. Nesse sentido, sugere-se que futuras investigações busquem a inclusão de diferentes membros da mesma família, bem como, atentem para as relações entre eles, para que se possa alcançar uma percepção sistêmica do luto familiar, considerando as diversas percepções, a complexidade e a intersubjetividade presentes na experiência de luto familiar. Além disso, o conhecimento sobre os resultados apresentados nas categorias temáticas serve de apoio aos profissionais de assistência à saúde que precisam dedicar um olhar para a experiência de luto de um familiar, instrumentalizando-se para um cuidado efetivo ao estarem atentos para a complexidade das famílias enlutadas.

Referências

- Abbott, C. H., Prigerson, H. G., & Maciejewski, P. K. (2014). The influence of patients' quality of life at the end of life on bereaved caregivers' suicidal ideation. *Journal of pain and symptom management*, 48(3), 459–464. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2013.09.011>
- Ariapooran, S., PhD, Heidari, S., MA, Asgari, M., PhD, Ashtarian, H., PhD, & Khezeli, M., PhD (2018). Individualism-Collectivism, Social Support, Resilience and Suicidal Ideation among Women with the Experience of the Death of a Young Person. *International journal of community based nursing and midwifery*, 6(3), 250–259. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6048008/>
- Arriera, I. C. O., Thofehrn, M. B., Porto, A. R., & Palma, J. (2011). Espiritualidade na Equipe Interdisciplinar que atua em cuidados paliativos às pessoas com câncer. *Cienc Cuid Saude*, 10(2):314-321. <http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v10i2.15689>
- Bellhouse, C., Temple-Smith, M. J., & Bilardi, J. E. (2018). "It's just one of those things people don't seem to talk about..." women's experiences of social support following miscarriage: a qualitative study. *BMC women's health*, 18(1), 176. <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0672-3>
- Black, H. K., Moss, M. S., Rubinstein, R. L., & Moss, S. Z. (2011). End of life: a family narrative. *Journal of aging research*, 105985. <https://doi.org/10.4061/2011/105985>
- Brent, D. A., Melhem, N. M., Masten, A. S., Porta, G., & Payne, M. W. (2012). Longitudinal effects of parental bereavement on adolescent developmental competence. *Journal of clinical child and adolescent psychology: the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology*, American Psychological Association, Division 53, 41(6), 778–791. <https://doi.org/10.1080/15374416.2012.717871>
- Brooten, D., & Youngblut, J. M. (2017). School Aged Children's Experiences 7 and 13 Months Following a Sibling's Death. *Journal of child and family studies*, 26(4), 1112–1123. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0647-7>
- Brooten, D., Youngblut, J. M., & Roche, R. M. (2017). Adolescents' Experiences 7 and 13 Months Following the Death of a Brother or Sister. *Journal of hospice and palliative nursing: JHPN: the official journal of the Hospice and Palliative Nurses Association*, 19(3), 247–255. <https://doi.org/10.1097/NJH.0000000000000336>
- Camacho-Ávila, M., Fernández-Sola, C., Jiménez-López, F.R. et al. (2019). Experience

- of parents who have suffered a perinatal death in two Spanish hospitals: a qualitative study. *BMC Pregnancy Childbirth*, 512(19), ISSN: 1471-2393. <https://doi.org/10.1186/s12884-019-2666-z>
- Campos, M. T. F. de S., Peluzio, M. do C. G., Melo, M. S. de S., Simonini, E., Coelho, F. M. G., & Araújo, R. M. A. (2020). “A mesa que encolheu”: a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(3), 1051–1060. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018>
- Cao, X., Jiang, X., Li, X., Hui Lo, M. C., & Li, R. (2013). Family functioning and its predictors among disaster bereaved individuals in China: eighteen months after the Wenchuan Earthquake. *PloS one*, 8(4), e60738. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0060738>
- Coelho, J. F. Filho, & Lima, D. M. A. (2017). Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. *Psicologia em Revista*, 23(1), 16-32. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.88.18432>
- Delalibera, M., Presa, J., Coelho, A., Barbosa, A., & Franco, M. H. P. (2015). Family dynamics during the grieving process: a systematic literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(4), 1119–1134. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015204.09562014>
- Demmer, C., & Rothschild, N. (2011). Bereavement among South African adolescents following a sibling's death from AIDS. *African journal of AIDS research: AJAR*, 10(1), 15–24. <https://doi.org/10.2989/16085906.2011.575544>
- Dionne-Odom, J. N., Azuero, A., Lyons, K. D., Hull, J. G., Prescott, A. T., Tosteson, T., Frost, J., Dragnev, K. H., & Bakitas, M. A. (2016). Family Caregiver Depressive Symptom and Grief Outcomes From the ENABLE III Randomized Controlled Trial. *Journal of pain and symptom management*, 52(3), 378–385. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2016.03.014>
- Downe, S., Schmidt, E., Kingdon, C., & Heazell, A. E. (2013). Bereaved parents' experience of stillbirth in UK hospitals: a qualitative interview study. *BMJ open*, 3(2), e002237. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2012-002237>
- Drabwell, L., Eng, J., Stevenson, F., King, M., Osborn, D., & Pitman, A. (2020). Perceptions of the Use of Alcohol and Drugs after Sudden Bereavement by Unnatural Causes: Analysis of Online Qualitative Data. *International journal of environmental research and public health*, 17(3), 677. <https://doi.org/10.3390/ijerph17030677>
- Eggle, S., Manning, M. A., Slatcher, R. B., Berg, R. A., Wessel, D. L., Newth, C. J.,

- Shanley, T. P., Harrison, R., Dalton, H., Dean, J. M., Doctor, A., Jenkins, T., & Meert, K. L. (2015). Language Analysis as a Window to Bereaved Parents' Emotions During a Parent-Physician Bereavement Meeting. *Journal of language and social psychology, 34*(2), 181–199. <https://doi.org/10.1177/0261927X14555549>
- Fenstermacher, K. H., & Hupcey, J. E. (2019). Support for Young Black Urban Women After Perinatal Loss. *MCN. The American journal of maternal child nursing, 44*(1), 13–19. <https://doi.org/10.1097/NMC.0000000000000485>
- Fernández-Sola, C., Camacho-Ávila, M., Hernández-Padilla, J. M., Fernández-Medina, I. M., Jiménez-López, F. R., Hernández-Sánchez, E., Conesa-Ferrer, M. B., & Granero-Molina, J. (2020). Impact of Perinatal Death on the Social and Family Context of the Parents. *International journal of environmental research and public health, 17*(10), 3421. <https://doi.org/10.3390/ijerph17103421>
- Foster, T. L., Gilmer, M. J., Davies, B., Dietrich, M. S., Barrera, M., Fairclough, D. L., Vannatta, K., & Gerhardt, C. A. (2011). Comparison of continuing bonds reported by parents and siblings after a child's death from cancer. *Death studies, 35*(5), 420–440. <https://doi.org/10.1080/07481187.2011.553308>
- Foster, T. L., Gilmer, M. J., Vannatta, K., Barrera, M., Davies, B., Dietrich, M. S., Fairclough, D. L., & Gerhardt, C. A. (2012). Changes in siblings after the death of a child from cancer. *Cancer nursing, 35*(5), 347–354. <https://doi.org/10.1097/NCC.0b013e3182365646>
- Gilmer, M. J., Foster, T. L., Vannatta, K., Barrera, M., Davies, B., Dietrich, M. S., Fairclough, D. L., Grollman, J., & Gerhardt, C. A. (2012). Changes in parents after the death of a child from cancer. *Journal of pain and symptom management, 44*(4), 572–582. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2011.10.017>
- Githaiga, J. N., Swartz, L. (2017). Socio-cultural contexts of end-of-life conversations and decisions: bereaved family cancer caregivers' retrospective co-constructions. *BMC Palliat Care, 16*(40). <https://doi.org/10.1186/s12904-017-0222-z>
- Gold, K. J., Boggs, M. E., Mugisha, E., & Palladino, C. L. (2012). Internet message boards for pregnancy loss: who's on-line and why? *Womens Health Issues, 22*(1), e67-72. <https://doi.org/10.1016/j.whi.2011.07.006>
- Gomes, B., Calanzani, N., Koffman, J., & Higginson, I. J. (2015). Is dying in hospital better than home in incurable cancer and what factors influence this? A population-based study. *BMC medicine, 13*, 235. <https://doi.org/10.1186/s12916-015-0466-5>
- Groot, M., & Kollen, B. J. (2013). Course of bereavement over 8-10 years in first degree

relatives and spouses of people who committed suicide: longitudinal community based cohort study. *The BMJ*; 347 :f5519. <https://doi.org/10.1136/bmj.f5519>

Guldin, M. B., Ina Siegismund Kjaersgaard, M., Fenger-Grøn, M., Thorlund Parner, E., Li, J., Prior, A., & Vestergaard, M. (2017). Risk of suicide, deliberate self-harm and psychiatric illness after the loss of a close relative: A nationwide cohort study. *World psychiatry: official journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 16(2), 193–199. <https://doi.org/10.1002/wps.20422>

Harrop, E., Morgan, F., Byrne, A., & Nelson, A. (2016). "It still haunts me whether we did the right thing": a qualitative analysis of free text survey data on the bereavement experiences and support needs of family caregivers. *BMC palliative care*, 15(1), 92. <https://doi.org/10.1186/s12904-016-0165-9>

Jang, K. I., Shim, M., Lee, S. M., Huh, H. J., Huh, S., Joo, J. Y., Lee, S. H., & Chae, J. H. (2017). Increased beta power in the bereaved families of the Sewol ferry disaster: A paradoxical compensatory phenomenon? A two-channel electroencephalography study. *Psychiatry and clinical neurosciences*, 71(11), 759–768. <https://doi.org/10.1111/pcn.12546>

Jho, H. J., Choi, J. Y., Kwak, K. S., Chang, Y. J., Ahn, E. M., Park, E. J., Paek, S. J., Kim, K. M., & Kim, S. H. (2016). Prevalence and Associated Factors of Anxiety and Depressive Symptoms Among Bereaved Family Members of Cancer Patients in Korea: A Nation-Wide Cross-Sectional Study. *Medicine*, 95(22), e3716. <https://doi.org/10.1097/MD.00000000000003716>

Kaplow, J. B., Saunders, J., Angold, A., & Costello, E. J. (2010). Psychiatric symptoms in bereaved versus nonbereaved youth and young adults: a longitudinal epidemiological study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 49(11), 1145–1154. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2010.08.004>

Kelley, M.C., Trinidad, S.B. (2012). Silent loss and the clinical encounter: Parents' and physicians' experiences of stillbirth—a qualitative analysis. *BMC Pregnancy Childbirth*, 137(12), ISSN: 1471-2393. <https://doi.org/10.1186/1471-2393-12-137>

Kiguli, J., Namusoko, S., Kerber, K., Peterson, S., & Waiswa, P. (2015). Weeping in silence: community experiences of stillbirths in rural eastern Uganda. *Global health action*, 8, 24011. <https://doi.org/10.3402/gha.v8.24011>

Kovacs, M. J. (2008). *Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Kramer, B. J., Kavanaugh, M., Trentham-Dietz, A., Walsh, M., & Yonker, J. A. (2010).

- Complicated grief symptoms in caregivers of persons with lung cancer: the role of family conflict, intrapsychic strains, and hospice utilization. *Omega*, 62(3), 201–220. <https://doi.org/10.2190/om.62.3.a>
- Lerdal, A., Slåtten, K., Saghaug, E., Grov, E. K., Normann, A. P., Lee, K. A., Bjorvatn, B., & Gay, C. L. (2016). Sleep among bereaved caregivers of patients admitted to hospice: a 1-year longitudinal pilot study. *BMJ open*, 6(1), e009345. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2015-009345>
- Lövgren, M., Sveen, J., Nyberg, T., Eilegård Wallin, A., Prigerson, H. G., Steineck, G., & Kreicbergs, U. (2018). Care at End of Life Influences Grief: A Nationwide Long-Term Follow-Up among Young Adults Who Lost a Brother or Sister to Childhood Cancer. *Journal of palliative medicine*, 21(2), 156–162. <https://doi.org/10.1089/jpm.2017.0029>
- Lu, D., Sundström, K., Sparén, P., Fall, K., Sjölander, A., Dillner, J., Helm, N. Y., Adami, H. O., Valdimarsdóttir, U., & Fang, F. (2016). Bereavement Is Associated with an Increased Risk of HPV Infection and Cervical Cancer: An Epidemiological Study in Sweden. *Cancer research*, 76(3), 643–651. <https://doi.org/10.1158/0008-5472.CAN-15-1788>
- Luna, I. J. (2019). Narrativas de homens viúvos diante da experiência de luto conjugal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 64, 32-46. <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n64a03>
- Luna, I. J., & Moré, C. O. (2019). Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos e o Morrer*, 2(3), 152–172. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.152-172>
- Mash, H. B., Fullerton, C. S., Shear, M. K., & Ursano, R. J. (2014). Complicated grief and depression in young adults: personality and relationship quality. *The Journal of nervous and mental disease*, 202(7), 539–543. <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000000155>
- Medina, E. R. (2014). La familia cambia: duelo en hijas adultas por la muerte de sus madres. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(1), 3-12. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100002&lng=pt&tlng=
- Meert, K. L., Eggly, S., Kavanaugh, K., Berg, R. A., Wessel, D. L., Newth, C. J., Shanley, T. P., Harrison, R., Dalton, H., Dean, J. M., Doctor, A., Jenkins, T., & Park, C. L. (2015). Meaning making during parent-physician bereavement meetings after a child's death. *Health psychology: official journal of the Division of Health*

Psychology, 34(4), 453–461. <https://doi.org/10.1037/hea0000153>

Miceli, A. V. P. (2013). *Câncer infanto-juvenil: irmãos, as crianças que ninguém vê*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil.

Moss, M. S., & Moss, S. Z. (2014). Widowhood in old age: viewed in a family context. *Journal of aging studies*, 29, 98–106. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2014.02.001>

Näppä, U., Lundgren, A. B., & Axelsson, B. (2016). The effect of bereavement groups on grief, anxiety, and depression - a controlled, prospective intervention study. *BMC palliative care*, 15, 58. <https://doi.org/10.1186/s12904-016-0129-0>

Oliveira, A. J., Rostila, M., Saarela, J., & Lopes, C. S. (2014). The influence of bereavement on body mass index: results from a national Swedish survey. *PLoS one*, 9(4), e95201. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0095201>

Ornstein, K. A., Aldridge, M. D., Garrido, M. M., Gorges, R., Bollens-Lund, E., Siu, A. L., Langa, K. M., & Kelley, A. S. (2017). The Use of Life-Sustaining Procedures in the Last Month of Life Is Associated With More Depressive Symptoms in Surviving Spouses. *Journal of pain and symptom management*, 53(2), 178–187. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2016.08.023>

Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus.

Pereira, M. U. L., Gonçalves, L. L. M., Loyola, C. M. D., Anunciação, P. S. da., Dias, R. da S., Reis, I. N., Pereira, L. A. S., & Lamy, Z. C. (2018). Comunicação da notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. *Revista Paulista de Pediatria*, 36(4), 422-427. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;4;00013>

Pham, S., Porta, G., Biernesser, C., Walker Payne, M., Iyengar, S., Melhem, N., & Brent, D. A. (2018). The Burden of Bereavement: Early-Onset Depression and Impairment in Youths Bereaved by Sudden Parental Death in a 7-Year Prospective Study. *The American journal of psychiatry*, 175(9), 887–896. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.2018.17070792>

Prix, I., & Erola, J. (2017). Does death really make us equal? Educational attainment and resource compensation after paternal death in Finland. *Social science research*, 64, 171–183. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2016.10.012>

Roberts, L. R., Anderson, B. A., Lee, J. W., & Montgomery, S. B. (2012). Grief and Women: Stillbirth in the Social Context of India. *International journal of childbirth*,

2(3), 187–198. <https://doi.org/10.1891/2156-5287.2.3.187>

Rosenberg, A. R., Baker, K. S., Syrjala, K. L., Back, A. L., & Wolfe, J. (2013). Promoting resilience among parents and caregivers of children with cancer. *Journal of palliative medicine, 16*(6), 645–652. <https://doi.org/10.1089/jpm.2012.0494>

Rosenberg, A. R., Postier, A., Osenga, K., Kreicbergs, U., Neville, B., Dussel, V., & Wolfe, J. (2015). Long-term psychosocial outcomes among bereaved siblings of children with cancer. *Journal of pain and symptom management, 49*(1), 55–65. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2014.05.006>

Sadeghi, N., Hasanpour, M., Heidarzadeh, M., Alamolhoda, A., & Waldman, E. (2016). Spiritual Needs of Families With Bereavement and Loss of an Infant in the Neonatal Intensive Care Unit: A Qualitative Study. *Journal of pain and symptom management, 52*(1), 35–42. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2015.12.344>

Sandler, I., Tein, J. Y., Cham, H., Wolchik, S., & Ayers, T. (2016). Long-term effects of the Family Bereavement Program on spousally bereaved parents: Grief, mental health problems, alcohol problems, and coping efficacy. *Development and psychopathology, 28*(3), 801–818. <https://doi.org/10.1017/S0954579416000328>

Sandler, I., Ayers, T. S., Tein, J. Y., Wolchik, S., Millsap, R., Khoo, S. T., Kaplan, D., Ma, Y., Luecken, L., Schoenfelder, E., & Coxe, S. (2010). Six-year follow-up of a preventive intervention for parentally bereaved youths: a randomized controlled trial. *Archives of pediatrics & adolescent medicine, 164*(10), 907–914. <https://doi.org/10.1001/archpediatrics.2010.173>

Santos, F. P., Durães, M. M. A., Abreu, L. L. G., & Finelli, L. A. C. (2016). Luto na família. *Revista Humanidades, 5*(2), 123-133. [a113.pdf\(revistahumanidades.com.br\)](http://a113.pdf(revistahumanidades.com.br))

Schoenfelder, E. N., Tein, J. Y., Wolchik, S., & Sandler, I. N. (2015). Effects of the Family Bereavement Program on academic outcomes, educational expectations and job aspirations 6 years later: the mediating role of parenting and youth mental health problems. *Journal of abnormal child psychology, 43*(2), 229–241. <https://doi.org/10.1007/s10802-014-9905-6>

Serafim, M. C. O. (2020). A pluralidade significativa na dor psíquica. In: *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos*. Orgs: Mariotto, R. M., & Mohr, A. M. Savalador: Ágalma. ISBN: 978-65-86488-03-6

Silva, R. N., Brandão, M.A.G., & Ferreira, M. de A. (2020). Intregative Review as a Method to Generate to Test nursing theory. *Nursing science quarterly, 33*(3), 258-263. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0894318420920602>

- Spillane, A., Matvienko-Sikar, K., Larkin, C., Corcoran, P., & Arensman, E. (2018). What are the physical and psychological health effects of suicide bereavement on family members? An observational and interview mixed-methods study in Ireland. *BMJ open*, 8(1), e019472. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2017-019472>
- Stroebe, M. S. et al. (1993). Introduction: concepts and issues in contemporary research on bereavement. In: M. S. Stroebe, R. O. Hansson, W. Stroebe, H. Schut (Eds.). *Handbook of bereavement research: consequences, coping and care*. Washington: American Psychology and health. Buckingham: open university Press. p. 171-200.
- Tenório, P. J., Avelar, T. C., & Barros, E. N. (2019). Gravidez molar: do sonho ao luto. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 39(97), 193-206. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v39n97/a05v39n97.pdf>
- Thomas, K., Hudson, P., Trauer, T., Remedios, C., & Clarke, D. (2014). Risk factors for developing prolonged grief during bereavement in family carers of cancer patients in palliative care: a longitudinal study. *Journal of pain and symptom management*, 47(3), 531–541. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2013.05.022>
- Torres, W. C. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 221-229.
- Utz, R. L., Swenson, K. L., Caserta, M., Lund, D., & deVries, B. (2014). Feeling lonely versus being alone: loneliness and social support among recently bereaved persons. *The journals of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences*, 69(1), 85–94. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbt075>
- Walsh, F., & McGoldrick, M. (1998). *O ciclo de vida da família: uma abordagem sistêmica* (E. O. M. Kapp, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1987).
- Weber, M., Alvariza, A., Kreicbergs, U., & Sveen, J. (2019). Communication in families with minor children following the loss of a parent to cancer. *European Journal of Oncology Nursing*, 39, 41-46. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2019.01.005>
- Worden, J. W. (2013). *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais de saúde mental*. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Yamaguchi, T., Maeda, I., Hatano, Y., Mori, M., Shima, Y., Tsuneto, S., Kizawa, Y., Morita, T., Yamaguchi, T., Aoyama, M., & Miyashita, M. (2017). Effects of End-of-Life Discussions on the Mental Health of Bereaved Family Members and Quality of

Patient Death and Care. *Journal of pain and symptom management*, 54(1), 17–26.e1.
<https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2017.03.008>

Zhang, Y., & Jia, X. (2018). A Qualitative Study on the Grief of People Who Lose Their Only Child: From the Perspective of Familism Culture. *Frontiers in psychology*, 9, 869. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00869>